



ALLEN, Pauline & NEIL, Bronwen (orgs.).
The Oxford Handbook of Maximus the Confessor.
 Oxford: Oxford University Press, 2015.
 Coleção *Oxford Handbooks*, s.n. 624 p.
 ISBN: 978-0-19-967383-4

ALFREDO BRONZATO DA COSTA CRUZ*

Conversas com um gigante

Máximo, a quem a tradição bizantina conferiu o honroso epíteto de *Confessor*, em função de seus numerosos escritos teológicos e das agruras que suportou por causa das ideias neles apresentadas, foi um monge, pensador e santo dos séculos VI e VII. Ao nascer, por volta de 580, recebeu o nome de Moschion. Os documentos de época divergem sobre sua origem e linhagem. De acordo com o encômio que lhe foi dedicado pelo monge estu-

ditado Miguel Exaboulutes no século X, Moschion teria nascido em Constantinopla, no seio de uma família aristocrática. Já para o bispo siro-palestino Jorge (ou Gregório) de Resh'ayna, que lhe dedicou uma biografia quase contemporânea e francamente hostil, o menino seria o filho de um mercador samaritano e de uma escrava persa, e teria nascido na inexpressiva vila de Hefsîn, a leste do Lago Tiberíades¹. Aos dez anos foi batizado e confiado

* Alfredo Bronzato da Costa Cruz é doutorando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ, 2015-) e mestre em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UNIRIO, 2011-2013). E-mail: bccruz.alfredo@gmail.com

¹ ALLEN, Pauline & NEIL, Bronwen (organização, tradução, introdução e notas). *The life of Maximus the Confessor*: recension 3. (Edição bilingue em grego e inglês). Strathfield: St. Pauls, 2003. Coleção *Early Christian studies*, n. 6. BROCK, Sebastian P. (organização, tradução, introdução e notas). An early syriac life of Maximus the Confessor. (Edição bilingue em siríaco e inglês). *Analecta Bollandiana*. Bruxelas, Société des Bollandistes, n. 91, 1973, p. 299-346. Para informações que não constam em nenhuma das duas recensões antes referidas (nem na *vita* e na *passione* latinas, compostas por Anastácio Bibliotecário), ver: KEKELIDZE, Cornelius Semenovich (organização, tradução, introdução e notas). Tskhovreba da Moqalaqoba Aghmsareblisa Martlisa artsmunoebisa Tsmidisa da Netarisa Mamisa Chuenisa Maqsimesi (Vida e obras de nosso Santo Padre São Máximo, Confessor da Verdadeira Fé). In. *Monumenta hagiographica georgica. V. 1: Keimena* (textos referentes aos santos dos meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio). Tbilisi: Rossicae Academiae Scientiarum, 1918, p. 60-103.

como oblato ao Mosteiro de São Caritão, no Deserto de Parã. Abba Pantaleão, que então dirigia o local, encaminhou o rapaz para o estudo de Orígenes (†254). Na segunda metade da década de 610, encontrava-se em Cízico, próximo de Constantinopla, como um dos numerosos refugiados que haviam partido da Terra Santa por ocasião da ofensiva sassânida, que conquistou Jerusalém com grande violência em 614. Sobretudo mediante a intervenção de um de seus discípulos, Anastácio Apocrisiário, Máximo então mantinha relações próximas com uma série de membros da corte imperial. Por volta de 627 ou 628, logo depois do cerco da capital do Império Romano do Oriente pelos persas e seus aliados ávaros, Máximo deslocou-se novamente, desta vez, para a Província da África. Aí se distinguiu na defesa das duas atividades (*energeia*) e duas vontades (*thelemata*), divina e humana, de Cristo contra o monoenergismo e monotelismo sustentados por Sérgio, patriarca de Constantinopla de 610 a 638, e Pirro, seu sucessor, fortemente escudados pelo imperador Heráclio (†641). Pirro, envolvido nas intrigas que se seguiram à morte de Heráclio, acabou deposto pelo poderoso general Valentino e banido para

Cartago, onde, em 645, envolveu-se em um debate público com Máximo, depois do qual terminou por rejeitar o monotelismo². Acompanhado por este patriarca exilado e recentemente incorporado ao número de seus seguidores, Máximo dirigiu-se a Roma em 647; dois anos depois, tomou aí ativa parte no concílio convocado pelo Papa Martinho em defesa das duas vontades de Cristo contra o édito do imperador Constante II, que, com a intenção de encontrar algum terreno de compromisso entre calcedônicos e miafisitas, proibiu toda discussão sobre o problema cristológico em seus domínios. De volta a Constantinopla em 653, Máximo foi preso e processado como herético e subversivo; foi condenado a um exílio temporário na cidade de Bizya, na Trácia, enquanto Pirro retomou ao monotelismo e novamente se tornou patriarca em exercício, ofício que manteve até sua morte, no primeiro dia de junho de 654. Com a morte do Papa Martinho, também no exílio ordenado pelo imperador, no meado de setembro de 655, Máximo viu-se isolado, entregue às mãos de seus adversários. Depois de longo processo, foi condenado, em 662, junto com seu discípulo Anastácio, primeiro a ser severamente espancado e ter mutiladas sua língua

² DOUCET, Marcel (organização, tradução, introdução e notas). *Dispute de Maxime le Confesseur avec Pyrrhus*: introduction, texte critique, traduction et notes. (Edição bilingue em francês e grego). Montreal: Instituto de Estudos Medievais da Universidade de Montreal, 1972. (Tese de Doutorado em História Medieval).

e mão direita, partes do corpo com as quais se opusera às determinações imperiais em matéria dogmática; em seguida, ao exílio definitivo em Lazika, na distante Cólquida, região a leste do Mar Negro, no sul do Cáucaso, onde, esgotado pelos sofrimentos, morreu a 13 de agosto do mesmo ano. As posições teológicas de Máximo e sua corajosa afirmação da liberdade da Igreja diante do poder imperial tornaram-no muito popular na geração seguinte à sua morte; sua fama difundiu-se grandemente pelos relatos de milagres associados à sua intercessão, principalmente no lugar de seu túmulo; suas relíquias foram trasladadas com grande pompa para a capital imperial e seu pensamento foi reabilitado no Terceiro Concílio de Constantinopla, realizado nos anos de 680 e 681. De fato, esta assembleia, considerada pela tradição como o Sexto dos Concílios Ecumênicos, condenou o monotelismo e o monoenergismo como heréticos, admitindo duas vontades e duas energias no Cristo, sendo que a humana estava submetida à divina por livre obediência de Jesus. Com a promulgação e recepção desta formulação, a fé efesino-calcedônica resolvia alguns

dos problemas teológicos que haviam ficado abertos desde as polêmicas assembleias de 431 e 451 e a teologia de Máximo foi proclamada como idêntica à ortodoxia³.

O Confessor foi um autor prolífico; de fato, conservaram-se de sua lavra quase noventa escritos, tradicionalmente divididos de acordo com as etapas de sua trajetória de vida. Do período anterior à sua chegada à África, provêm numerosas cartas, considerações sobre a vida ascética e panfletos antimonofisitas, antimiafisitas e antimonotelitas. Do período africano, datam suas principais leituras da teologia de Orígenes, repletas de esclarecimentos, confutações e sínteses, além de interpretações simbólicas sobre o *Pai Nosso* e a Divina Liturgia, e obras de divulgação antimonotelista, incluindo o texto da disputa contra o patriarca Pirro, anotado por testemunhas oculares⁴. Não há concordância geral a respeito da data do comentário da obra do Pseudo-Dionísio Aeropagita produzido por Máximo. As viagens, o cárcere e o exílio impediram o posterior desenvolvimento da sua atividade literária, mas não o registro e difusão

³ YANNOPOULOS, Panayotis A. Do Segundo Concílio de Constantinopla (553) ao Segundo Concílio de Niceia (786-787). In. ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995, p. 137-141. PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina*. V. 2: *o espírito do cristianismo oriental (600-1700)*. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2015, p. 61-114.

⁴ DOUCET, *Dispute de Maxime le Confesseur*.

de suas falas – como, por exemplo, no julgamento de 662, recolhidas e transmitidas por Anastácio Bibliotecário (†878)⁵ – e obras. Esta difusão é testemunhada por uma importante tradição manuscrita, assim como por antigas menções e versões em outros idiomas – como a relevante tradução feita por Escoto Erígena (†877) nos anos de 862 a 864 do *Ambiguorum Liber*, trabalho no qual Máximo explorou as passagens difíceis, entre outros, dos textos do Pseudo-Dionísio Aeropagita (século V) e de Gregório de Nazianzeno (†390), com foco nas derivações cristológicas de suas formulações.

Máximo foi um dos últimos autores reconhecido pelas Igrejas bizantina e latina como um dos Padres da Igreja. Sua importância é imensa no cristianismo de língua grega, mas não só. Na encíclica *Spe Salvi*, de 2007, o papa Bento XVI o designou como sendo “o grande doutor grego da Igreja”; na audiência geral de 25 de junho de 2008, dedicada a este perso-

nagem, o mesmo pontífice apresentou uma síntese interessante e excepcionalmente clara de sua vida e obra, lembrando que a antropologia teológica e a soteriologia do Confessor foram uma das bases da reflexão de Hans Urs von Balthasar (†1988), um dos grandes teólogos do século XX⁶. Do pensador grego, von Balthasar extraiu, por exemplo, o conceito de *liturgia cósmica*, obra eterna de reunificação da Criação em Deus, presidida por Jesus Cristo, único Salvador do mundo, cuja eficácia é garantida pelo fato de que, embora seja em tudo Deus, consubstancial ao Pai e ao Espírito Santo, também é integralmente homem, mesmo em sua energia e vontade⁷. Essa releitura não é, em absoluto, idiosincrática, mas parte de uma verdadeira redescoberta e revalorização de Máximo na contemporaneidade. Este santo e teólogo grego, de fato, é um dos personagens mais discutidos nos estudos de Patrologia, História da Teologia e Teologia Histórica das últimas décadas. Isso,

⁵ ALLEN, Pauline & NEIL, Bronwen (organização, tradução, introdução e notas). *Scripta saeculi VII Vitam Maximii Confessoris illustrantia una cum latina interpretatione Anastasii Bibliothecarii iuxta posita*. (Edição trilingue em latim, grego e francês). Turnhout: Brepols, 1999. Coleção *Corpus christianorum: series graeca*, n. 39.

⁶ PAPA BENTO XVI. *Spe salvi: carta encíclica do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a Esperança Cristã*. São Paulo: Loyola, 2007, §28, p. 38. PAPA BENTO XVI. São Máximo, o Confessor. Audiência geral de quarta-feira, 25 de junho de 2008. Roma, Libreria Editrice Vaticana, 2008. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y7l6qr79>>. Acesso em 1º de novembro de 2015.

⁷ VON BALTHASAR, Hans Urs. *Massimo il Confessore: liturgia cosmica*. Tradução de Luciano Tosti. 2ª ed. rev. e ampl. Milão: Jaca Book, 2001. Obras completas de Hans Urs vom Balthasar, n. 16.

parcialmente, se deve à recente redescoberta, edição crítica e tradução em idiomas modernos de muitos de seus trabalhos, uma literatura que se expande confortavelmente sobre vários gêneros e é muito representativa da mais fina discussão filosófica e teológica do Mediterrâneo cristão no fim da Antiguidade Tardia e início do Medievo⁸. Mas se deve também aos méritos intrínsecos da reflexão do Confessor, que continua a fornecer desafios e chaves para diversas questões que a teologia cristã não cessa de se propor⁹. Além disso, sua importância histórica no cristianismo da segunda metade do primeiro milênio da Era Comum é inegável, digna de uma investigação atenta. O impacto dos escritos e atuação de Máximo deu-se para muito além do oriente greco, tendo ele se envolvido diretamente na resistência latina às medidas pró-monotelitas e pró-moenergistas dos imperadores romanos do Oriente; de fato, a disputa cristológica intracalcédônica tornou-se também um conflito entre o governo imperial e a Igreja de Constantinopla, de um lado,

e o patriarca de Roma em concerto com monges orientais de educação helênica, como Máximo, João Mosco (†619) e Sofrônio de Jerusalém (†638), de outro, sobre o direito de definir a ortodoxia. Assim sendo, considerá-lo é fazer uma prospecção importante sobre o que era o Mediterrâneo cristão e as complexas definições de fronteiras entre Igreja e Estado nessa região nos séculos VI e VII. Há muito os historiadores têm privilegiado de modo mais comum a análise das coletividades e dos processos sociais mais amplos, mas alguns grandes homens, como Máximo, o Confessor, realmente fizeram diferença em suas épocas; sem eles o curso da história das ideias e das sociedades seria diferente e, em alguns casos, a humanidade seria um pouco mais pobre.

O *Oxford Handbook of Maximus the Confessor* propõe-se a ser um levantamento completo do atual estado das reflexões sobre os textos, contextos e recepções da obra desse importante pensador. O volume reúne estudos sobre o enquadramento sociohistórico e cultural das

⁸ Cf. p. ex. ALLEN, Pauline & NEIL, Bronwen (organização, tradução, introdução e notas). *Maximus the Confessor and his companions: documents from exile*. Oxford: Oxford University Press, 2002. Coleção *Oxford early christian texts*, n. 7. CONSTAS, Nicholas (organização, tradução, introdução e notas). *On difficulties in the Church Fathers: the Ambigua of Maximus Confessor*. Harvard/Washington: Harvard University Press/Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2014. 2 v. Coleção *Dumbarton Oaks Medieval Library*, n. 28-29.

⁹ JENKINS, Philip. *Guerras santas*: como quatro patriarcas, três rainhas e dois imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos 1500 anos. Tradução de Carlos Szlak. Rio de Janeiro: LeYa, 2013, p. 299-308.

atividades de Máximo como um dos grandes autores e atores de seu tempo, bem como análises autorizadas a respeito de suas realizações nas esferas da teologia e da filosofia, destacando especialmente as suas relações com o neoplatonismo e o aristotelismo. O livro foi organizado por Pauline Allen, diretora do Centro de Estudos do Cristianismo Primitivo da Universidade Católica de Brisbane, Austrália, e ex-presidente da Associação Internacional de Estudos Patrísticos, especialista no debate teológico que formou o Concílio de Calcedônia e o sucedeu, e por Bronwen Neil, diretora assistente do mesmo Centro de Estudos do Cristianismo Primitivo da Universidade Católica de Brisbane e presidente da Associação Australiana de Estudos Bizantinos, especialista nas relações político-teológicas entre Roma e Constantinopla no fim da Antiguidade Tardia. Os vinte e nove colaboradores recrutados são de diversas procedências nacionais, confessionais e acadêmicas, o que amplia em muito a riqueza do material por eles produzido.

O livro encontra-se dividido em quatro partes. A primeira, formada por quatro capítulos, detém-se no cenário histórico no qual se deu a vida e a produção textual de Máximo. No primeiro desses (p. 3-18), Pauline Allen, uma das organizadoras do

volume, apresenta um resumo da trajetória de Máximo e de seus contextos mais significativos, explorando os textos bio/hagiográficos que lhe foram dedicados, oriundos de diferentes contextos linguísticos (siríaco, grego, latino) e teológicos (miafisita, monotelista, calcedônico). Aí se menciona também o papel direto dos discípulos de Máximo na vida de seu mestre e nas controvérsias teológicas do século VII. O segundo capítulo (p. 19-83), de Marek Jankowiak, pesquisador associado da Faculdade de Estudos Orientais da Universidade Oxford, e Phil Booth, professor de História do Cristianismo Oriental na Faculdade de Teologia e Ciências da Religião da mesma Universidade, contém uma cronologia bastante minuciosa das obras de Máximo, além de um levantamento exaustivo de suas edições e comentários, fornecendo instrumento para que interessados possam fazer uma leitura completa dos trabalhos de e sobre Máximo de acordo com sua ordem de publicação. Os autores dão especial atenção às alterações causadas na datação das obras do Confessor pela exumação de sua *vita* siríaca, cuja edição crítica e tradução foi publicada na *Analecta Bollandiana* em 1973 por iniciativa de Sebastian Brock¹⁰. No terceiro capítulo (p. 84-106), Walter E. Kaegi, membro vitalício do Instituto

¹⁰ BROCK, An early syriac life of Maximus the Confessor.

de Estudos Orientais da Universidade de Chicago, discute as disputas políticas no Império Romano do Oriente no século VII, momento em que essa entidade política de grande prestígio passava por uma severa crise, causada, entre outros motivos, no plano externo, pelo advento e expansão do Islã, e, no plano interno, pelo jogo das diferentes casas aristocráticas e as endêmicas disputas entre a burocracia civil, a autoridade eclesiástica e os chefes militares. O quarto capítulo (p. 106-125), de Cyril Hovorun, especialista em Patrística e Eclesiologia associado à Faculdade de Teologia da Universidade de Yale, trata do contexto propriamente teológico da vida e do pensamento de Máximo. Detém-se de modo especial no desenvolvimento histórico da teologia neocalcedônica, à qual ele se vinculou, tornando-se seu principal nome. Não só uma vertente de especulação teológica, o neocalcedonismo foi um projeto político e religioso iniciado nas décadas precedentes ao nascimento de Máximo pelo imperador Justiniano (†565), que pretendia estabelecer certa plataforma de consenso para reunir, ao redor de sua autoridade, defensores e opositores do Concílio de Calcedônia. Comparado com seus antecessores e contemporâneos, Máximo foi um neocalcedônico cauteloso, disposto não apenas à polêmica, mas

também ao diálogo, pois soube levar em consideração, de modo produtivo, as opiniões de seus adversários teológicos, sem reduzi-las a caricaturas. Ele também percebeu e experimentou agudamente o problema político envolvido na definição da cristologia ortodoxa, de modo que procurou desvincular o projeto neocalcedônico de suas associações com a autoridade governamental.

A segunda parte do livro, formada por sete capítulos, aborda as influências teológicas e filosóficas que incidiram sobre o pensamento de Máximo e foram por eles reprocessadas em seus escritos, influências cujo escopo incluiu Platão e os neoplatônicos, Aristóteles, Orígenes, os origenistas e os antiorigenistas, os mestres sírios e egípcios da ascese, o Pseudo-Dionísio Aeropagita, João Crisóstomo (†407) e Agostinho de Hipona (†430). Esses ensaios recuperam chaves que foram completamente negligenciadas na leitura que a teologia ocidental tem feito do Confessor desde a Idade Média Central, abrindo caminho para uma interessante releitura de nossa compreensão da cristologia neocalcedônica, uma das bases da fé comum dos ortodoxos derivados do tronco bizantino, católicos romanos e protestantes. O primeiro capítulo dessa parte (p. 127-148), de Marius Portaru, doutorando do Instituto Patrístico Augustinianum, de Roma, cartografa

as influências da filosofia clássica e helenística na obra de Máximo, destacando a presença de uma consistente linguagem e conceituação aristotélica. O segundo (p. 149-163), de Pascal Mueller-Jourdan, professor de Filosofia Antiga da Universidade Católica do Oeste da França, de Angers, trata da complexa releitura que Máximo realizou da antropologia teológica de Orígenes, recepção criativa que fez deste pensador grego um dos principais sucessores do teólogo alexandrino em seu tempo, apesar de tê-lo colocado em franca rota de colisão com aqueles que eram então reconhecidos como origenistas. O terceiro capítulo (p. 164-176), de Marcus Plested, professor associado do Departamento de Teologia da Universidade Marquette, de Milwaukee, EUA, evidencia o quanto a experiência de Máximo como monge concorreu para determinar algumas de suas principais posições teológicas. Relaciona também como sua reflexão sobre a vida ascética se integra na consistente tradição de comentários espirituais dos quais fazem parte os textos, por ele lidos e utilizados, de Diádoco de Foticeia (†486), de Macário do Egito (†391) e do Pseudo-Macário (séculos V e VI), dos Santos Padres coptas e sírios, dos ascetas de Gaza e de Evágrio Pôntico (†399).

No quarto capítulo da segunda parte do livro (p. 177-193), Ysabel de

Andia, diretora de pesquisa em Filosofia Antiga do Centro Nacional de Pesquisa Científica de Paris, investiga os reflexos da obra do Pseudo-Dionísio Aeropagita em Máximo, tratando, a partir desses, da influência neoplatônica na sua cristologia, ecle-siologia, apologética e no seu meta-discurso teológico. No quinto capítulo (p. 194-211), Raymond J. Laird, colaborador honorário do Centro de Estudos do Cristianismo Primitivo da Universidade Católica de Brisbane, trata do uso do termo *paideia* nos escritos do Confessor, marcando suas continuidades e rupturas não apenas em relação aos seus significados clássico e helenístico, mas principalmente em relação a João Crisóstomo, que o menciona quase mil e quinhentas vezes em suas homilias exegéticas. Como em Crisóstomo, em Máximo *paideia* não significa nem formação (em um sentido sociocultural), nem consentimento livre, mas designa uma faculdade da alma que a um só tempo condiciona e possibilita o exercício da vontade em um determinado sentido; trata-se, portanto, de um termo chave para a compreensão de sua antropologia teológica. O sexto capítulo (p. 212-234), de Johannes Börjesson, doutorando da Faculdade de Teologia da Universidade de Cambridge, discute as relações entre o pensamento de Agostinho e o de Máximo, uma questão que vem sendo

durante um longo período problematizada por historiadores e teólogos. Enquanto alguns estudiosos são totalmente céticos em relação à existência de uma influência do pensamento agostiniano sobre a reflexão teológica do Confessor, Börjesson argumenta que é quase certo que o teólogo grego e seus discípulos tenham tomado conhecimento de partes significativas da obra do bispo de Hipona, ainda que isso se tenha dado através de traduções, cujo conteúdo foi interpretado à luz de seus próprios interesses, formação cultural e inserção eclesial. No sétimo capítulo (p. 235-251), Bronwen Neil, outra das organizadoras do volume, traça a genealogia intelectual da distinção de Máximo entre a vontade natural, condicionada pela matéria, e vontade gnômica, ponto de abertura a partir do qual o ser humano transcende a natureza (inclusive para pervertê-la, ou seja, para incorrer no pecado), conferida a ele enquanto imagem e semelhança de Deus. Essa distinção, como Neil bem aponta, é sequência e síntese de uma série de especulações filosóficas e teológicas sobre as relações entre o divino e o humano na realização da vontade de Deus na vida de cada pessoa e na trajetória dos povos, desenvolvidas nos séculos imediatamente anteriores por pensadores como Serapião de Thmuis (†370), Evágrio Pôntico, Gregório Nazian-

zeno, Gregório de Nissa (†394) e João Crisóstomo.

A terceira parte do volume, formada por dez capítulos, reúne uma série de prospecções referentes ao pensamento e às obras do Confessor. No primeiro (p. 253-273), Paul M. Blowers, professor de História da Igreja do Seminário Cristão Emmanuel de Johnson City, Tennessee, EUA, trata das noções e técnicas exegéticas empregadas por Máximo, enfatizando, por um lado, sua dependência do trabalho da Escola Alexandrina e dos Padres Capadóciocis, e, por outro, sua concepção da leitura da Bíblia não como uma dissecação, mas como um diálogo. O segundo capítulo (p. 274-286), de Peter Van Deun, professor de Estudos Bizantinos da Faculdade de Artes da Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, discute os diferentes gêneros literários religiosos, seculares e mistos em uso no mundo mediterrânico dos séculos IV a VII, fazendo um levantamento do vocabulário técnico que os autores civis e eclesiásticos usavam para rotular seus escritos, e de como a produção de Máximo situava-se nesse horizonte de possibilidades. No terceiro capítulo (p. 287-306), Demetrios Bathrellos, presbítero da Igreja Ortodoxa Grega e professor de Teologia Bizantina na Universidade Helênica Livre de Atenas, explora os conceitos de paixão, virtude e

ascese instrumentalizados na obra de Máximo. Ao fazê-lo, chama atenção para a presença nesses de um paradoxo constitutivo: no pensamento do Confessor, os prazeres, agradáveis ao ser humano, conduzem em verdade à dor e à morte, enquanto a ascese, necessariamente dolorosa e desagradável, de fato leva o fiel ao gozo espiritual e à vida eterna, sendo o único modo possível de o ser humano imitar a Cristo e, portanto, alcançar o estado ético e compassivo que introduz o homem na comunhão com a natureza divina de seu Salvador. O quarto capítulo (p. 307-321), de Torstein T. Tollefsen, professor de Filosofia na Universidade de Oslo, Noruega, descreve a cosmologia cristocêntrica de Máximo, mostrando como este autor segue e se afasta da teologia de Orígenes ao formular sua própria doutrina do *Logos* e de sua atuação no mundo visível e invisível. No quinto (p. 322-340), Andreas Andreopoulos, chefe de pesquisas do Mestrado em Teologia do Programa de Estudos Ortodoxos da Universidade de Winchester, Inglaterra, reconstitui a escatologia definida pelo Confessor, destacando como ele se afastou da discussão sobre o exercício do poder de Deus na História e da apocatástase final conforme esta era travada desde Orígenes para, redimensionando a questão do destino último das almas, vinculá-la à sua teoria sobre a natu-

reza da fé e à reflexão sobre a liturgia, definida como experiência presente e palpável do tempo messiânico e da realidade espiritual que hão de vir aos fiéis.

O sexto capítulo da terceira parte do volume (p. 341-359), de Jean-Claude Larchet, pesquisador independente residente em Estrasburgo, França, aborda o tema da deificação na obra de Máximo, deixando a descoberto como a ênfase na completa e verdadeira homologia entre a natureza dos seres humanos em geral e a natureza humana de Jesus Cristo, Verbo encarnado, opera como um elemento que vincula a teologia, a cosmologia, a antropologia, a teoria da fé e os conselhos espirituais desse pensador. No sétimo capítulo (p. 360-377), Adam G. Cooper, conferencista sênior de Teologia do Instituto João Paulo II para o Casamento e Família de Melbourne, Austrália, relê a ilustre seção número sete do *Ambigua ad Iohannem* para identificar como Máximo define os papéis do corpo e da matéria em sua reflexão sobre a natureza do homem e a providência de Deus. Neste trecho, Cooper detecta como o pensador aplica categorias neoplatônicas e aristotélicas aos conteúdos provenientes da tradição bíblica para formular uma antropologia espiritual na qual o ser humano não é considerado como um dado, mas como um enredo, um devir.

O oitavo capítulo (p. 378-396), de Doru Costache, conferencista sênior de Patrística no Instituto Ortodoxo Grego Santo André da Faculdade de Teologia da Universidade de Sidney, Austrália, detém-se em como se relacionam a cosmologia, as definições de santidade, a teoria e a prática da vida ascética no pensamento de Máximo. No nono capítulo (p. 397-413), George G. Berthold, presbítero da Arquidiocese Católica Apostólica Romana de Boston, traça relações entre as definições de vida e práxis cristãs presentes nas *Capita de caritate* e a reflexão anterior a este respeito, bíblica e monástica, na qual Máximo se inseria não só como um leitor, mas como um praticante. O décimo capítulo da terceira parte (p. 414-437), de Thomas Cattoi, professor associado de Cristologia Cultural da Escola Jesuíta de Teologia da Universidade de Santa Clara, Califórnia, trata dos vínculos entre a compreensão que o Confessor tinha da liturgia como ofício divino com sua antropologia teológica e a cristologia e soteriologia calcedônicas, que se empenhou para reiterar, reformular e defender de seus opositores.

Os oito capítulos que formam a quarta e última parte do livro exploram o impacto do pensamento de Máximo sobre os movimentos, regiões e indivíduos que se constituíram à sua sombra. O primeiro capí-

tulo dessa seção (p. 439-459), de Lela Khoperia, pós-doutoranda no Centro de Exploração de Antiguidades Georgianas da Universidade de Santo André em Tbilisi, Geórgia, aborda a tradição caucasiana sobre Máximo, atentando-se para a tradução e a ampla difusão de suas obras para os idiomas locais nos séculos IX a XII, assim como para os enredos hagiográficos a ele referentes que se afirmaram na região nesse mesmo período. No segundo capítulo (p. 460-479), Grigory Benevich, pesquisador sênior da Academia Cristã de Humanidades de São Petersburgo, trata da recepção do pensamento de Máximo na Ucrânia e na Rússia, não apenas elaborando a sinopse de suas traduções e usos teológicos nessas regiões, mas também da tradição de estudos acadêmicos czaristas, soviéticos e contemporâneos a seu respeito, relacionada com importantes eventos da história da Igreja e da reflexão filosófica e teológica eslava. O terceiro capítulo (p. 480-499), de Catherine Kavanagh, conferencista sênior de Filosofia da Faculdade de Maria Imaculada de Limerick, Irlanda, analisa a recepção de Máximo no Ocidente medieval através da leitura dos textos de Erígena, seu tradutor e comentador, e da história da recepção do seu pensamento nos séculos IX a XII, quando foi terminantemente condenado pelas autoridades eclesiásticas latinas. No

quarto capítulo (p. 500-515), Andrew Louth, professor emérito de Patrística e Teologia Bizantina da Universidade de Durham, Inglaterra, cartografa a recepção de Máximo no mundo ortodoxo desde a sua morte até os nossos dias, considerando, por exemplo, como seu pensamento serviu tanto de base quanto de resistência às reflexões específicas de João Damasceno (†749), Fócio de Constantinopla (†891), Barlaão da Calábria (†1348) e Gregório Palamas (†1359). O quinto capítulo (p. 516-532), de Ian A. McFarland, professor de Teologia e deão associado da Escola de Teologia da Universidade de Emory, Atlanta, EUA, reconstitui a teologia da vontade humana segundo Máximo, colocando-a em contraste com as noções agora de senso comum sobre o tema da liberdade. Como destaca McFarland, não há no Confessor propriamente uma oposição entre natureza (ou instinto) e vontade, já que este pensador definiu a liberdade como uma forma particular de exercício da humanidade no sentido não de nos domarmos ou superarmos, mas de, potencialmente, reconstituirmos, em Deus, nossa unidade como criaturas, levando a natureza ao seu verdadeiro fim.

No sexto capítulo (p. 533-447), Michael Bakker, diácono da Igreja Ortodoxa Russa e diretor do Centro de Estudos de Teologia Ortodoxa

Oriental da Universidade Vrije de Amsterdã, Holanda, explora as analogias e interlocuções possíveis de serem estabelecidas entre a antropologia e a reflexão de Máximo sobre a ascese e a santidade com os métodos da Terapia Cognitivo-Comportamental e a *psicologia das profundezas* desenvolvida por Sigmund Freud (†1939), Carl Gustav Jung (†1961) e, principalmente, Roberto Assagioli (†1974). O sétimo capítulo (p. 548-563), de A. Edward Siecienski, professor associado de Teologia Comparada e de Cultura e Religião Bizantinas na Faculdade Richard Stockton de Nova Jérsei, EUA, destaca a importância dos escritos de Máximo sobre o papado na discussão ecumênica contemporânea entre católicos e ortodoxos. Aí se chama atenção para o fato de que as opiniões expressas pelo Confessor não se encaixam sem ressalvas na argumentação mobilizada de modo corrente por qualquer das duas partes contentoras, constituindo sua eclesiologia e pneumatologia tópicos desafiantes que podem servir para a construção de pontes entre as tradições cristãs oriental e ocidental. No oitavo capítulo da quarta seção (p. 564-580), o último do volume, Joshua Lollar, presbítero da Igreja Ortodoxa Grega e conferencista do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Kansas, EUA, sintetiza a recepção das ideias de Máximo

no pensamento contemporâneo, forte principalmente nos estudos no âmbito da Teologia Histórica e da História da Teologia, mas não só. O Pe. Lollar encerra seu ensaio identificando necessidades e possibilidades para pesquisas atuais e futuras sobre o trabalho e o legado do *grande doutor grego da Igreja*, principalmente a partir do redimensionamento da mistura entre teologia e filosofia que hoje identificamos em sua obra:

(...) pode Máximo ser mobilizado para os diálogos filosóficos e teológicos contemporâneos, como desafio ao pensamento moderno, (...) ou [apenas] revigorar uma teologia acadêmica moribunda? Máximo nos apresenta possibilidades vivas para pensarmos em nossos dias, ou deve ser nossa tarefa simplesmente esclarecer com uma precisão cada vez maior o que ele quis dizer em seu próprio tempo? Até onde o seu legado pode nos conduzir? (p. 577)

Sabemos agora que a teologia ocidental chegou a alguns impasses sérios, que podem ser facilmente verificados caso se observe com um pouco de atenção não só o debate ecumênico entre católicos e protestantes, mas a discussão travada, às vezes com rudeza, no interior da Igreja Católica e das Igrejas de diversos modos oriundas da Reforma. Não estou

certo de que tal circunstância é sinal de um esgotamento – de fato, como historiador que sou, não estou sequer completamente apto a opinar com apropriada competência profissional a respeito disso – mas creio que dar um passo atrás, voltando-se para o perfil de um gigante como Máximo, poderia ser uma boa maneira de dar com novos e interessantes caminhos para a filosofia cristã e a teologia contemporânea. Retomar a reflexão desse grande pensador e santo a respeito da liberdade de Jesus Cristo a um só tempo homem e Deus, intrinsecamente vinculada às suas considerações sobre o papel que tem, em geral, toda a criação, e particularmente o ser humano, diante de seu Criador, poderia ser uma maneira interessante, por exemplo, de repropor o debate sobre livre-arbítrio e predestinação que tanta cizânia causa no meio evangélico brasileiro; recuperar sua argumentação sobre os papéis respectivos da liderança eclesiástica e da liderança política na definição do dogma e, portanto, na produção da verdade dogmática como um serviço ao Povo de Deus, por outro lado, poderia ser útil à Igreja Católica no momento em que é levada a repensar seu lugar e atuação no interior de uma sociedade brasileira cada vez menos aberta ao diálogo e à transigência. Neste sentido, o *Oxford Handbook of Maximus the Confessor* serve como

farol nessa empreitada, cujo proveito pode vir a superar em muito os riscos e labores a ela associados.

De toda forma, cabe observar que essa coletânea, academicamente irrepreensível, é uma obra de fôlego que merece ser cuidadosamente consultada por todos os interessados nesse importante pensador. O preço alto da versão impressa infelizmente o limita a estar presente em não muitas bibliotecas universitárias, ainda mais cá entre nós, onde os estudos sobre a teologia e filosofia cristã produzida em grego na Antiguidade Tardia e no Medievo ainda estão, na melhor das hipóteses, em seu início. A possibilidade de sua aquisição como *e-book*, contudo, faz com que seja uma leitura obrigatória para todos os interessados na história e nos impactos das discussões teológicas do oriente cristão.

Referências

- ALLEN, Pauline & NEIL, Bronwen (organização, tradução, introdução e notas). *The life of Maximus the Confessor: recension 3*. (Edição bilingue em grego e inglês). Strathfield: St. Pauls, 2003. Coleção Early Christian Studies, n. 6.
- _____. *Scripta saeculi VII Vitam Maximi Confessoris illustrantia una cum latina interpretatione Anastasii Bibliothecarii iuxta posita*. (Edição trilingue em latim, grego e francês). Turnhout: Brepols, 1999. Coleção Corpus Christianorum: series graeca, n. 39.
- _____. *Maximus the Confessor and his companions: documents from exile*. Oxford: Oxford University Press, 2002. Coleção Oxford Early Christian Texts, n. 7.
- BROCK, Sebastian P. (organização, tradução, introdução e notas). *An early syriac life of Maximus the Confessor*. (Edição bilingue em siríaco e inglês). *Analecta Bollandiana*. Bruxelas, Société des Bollandistes, n. 91, 1973.
- CONSTAS, Nicholas (organização, tradução, introdução e notas). *On difficulties in the Church Fathers: the Ambigua of Maximus Confessor*. Harvard/Washington: Harvard University Press/Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2014. 2 v. Coleção *Dumbarton Oaks Medieval Library*, n. 28-29.
- DOUCET, Marcel (organização, tradução, introdução e notas). *Dispute de Maxime le Confesseur avec Pyrrhus: introduction, texte critique, traduction et notes*. (Edição bilingue em francês e grego). 1972. Tese (Doutorado em História Medieval). Instituto de Estudos Medievais, Universidade de Montreal, Montreal.
- JENKINS, Philip. *Guerras santas: como quatro patriarcas, três rainhas e dois imperadores decidiram em que os cristãos acreditariam pelos próximos 1500 anos*. Tradução de Carlos Szlak. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.
- KEKELIDZE, Cornelius Semenovich (organização, tradução, introdução e notas). Tskhovreba da Moqalaqoba

Aghmsareblisa Martlisa artsmunoebisa Tsmidisa da Netarisa Mamisa Chuenisa Maqsimesi (Vida e obras de nosso Santo Padre São Máximo, Confessor da Verdadeira Fé). In. *Monumenta hagiographica georgica. V. 1: Keimena* (textos referentes aos santos dos meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio). Tbilisi: Rossicae Academiae Scientiarum, 1918.

PAPA BENTO XVI. São Máximo, o Confessor. Audiência geral de quarta-feira, 25 de junho de 2008. Roma, Libreria Editrice Vaticana, 2008. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y7l6qr79>>. Acesso: em: 01 nov. 2015.

PAPA BENTO XVI. *Spe salvi*: carta encíclica do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a

Esperança Cristã. São Paulo: Loyola, 2007.

PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. V. 2: o espírito do cristianismo oriental (600-1700)*. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2015.

VON BALTHASAR, Hans Urs. *Massimo il Confessore: liturgia cosmica*. Tradução de Luciano Tosti. 2. ed. rev. e ampl. Milão: Jaca Book, 2001. Obras completas de Hans Urs vom Balthasar, n. 16.

YANNOPOULOS, Panayotis A. Do Segundo Concílio de Constantinopla (553) ao Segundo Concílio de Niceia (786-787). In. ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.

Recensão recebida em 20 de julho de 2017
e aprovada para publicação em 11 de agosto de 2017